

EDITORIAL

Como em todos os periódicos científicos, também no *BOLEMA* o processo de recepção e análise dos artigos submetidos à publicação é pleno de idas e vindas. Ao serem recebidos e cadastrados, os textos são enviados a dois – ou três – membros do Conselho Consultivo que emitem seus pareceres. A partir dessas apreciações, os editores encaminham uma resposta aos autores aceitando, recusando ou condicionando a aceitação do artigo a algumas alterações. Quando aprovado definitivamente, o texto segue para as correções especializadas de referencial bibliográfico e de língua inglesa e, em seguida, passa a integrar a lista dos artigos que comporão as edições. Como o espaço para publicação é limitado – ainda que tenhamos ampliado esse espaço, publicando cada edição com nove artigos e aumentando o número de edições anuais para três – alguns dos artigos já prontos aguardam certo tempo até serem efetivamente disponibilizados aos assinantes. Com isso, há sempre algo como que uma “reserva” de artigos que, entretanto, não pode ser utilizada sem critérios: nossas normas priorizam a data de recebimento e aprovação definitiva de cada texto.

A descrição desses trâmites, além de ter a função de reiterar aos assinantes os processos de editoração já descritos nas normas que disponibilizamos em cada edição e em nosso *site*, justifica também a natureza deste número 30 que, devido às circunstâncias do processo de tramitação de textos, sem ser propriamente uma edição temática, traz cinco artigos cuja natureza poderíamos chamar de “historiográfica”. O artigo de Arlete de Jesus Brito explora influências dos planos MEC-USAID para a formação de professores e para o ensino de Matemática no Rio Grande do Norte; Lígia Arantes Sad e Circe Mary Silva da Silva discutem parâmetros metodológicos e teóricos relacionados à pesquisa em História da Matemática; Ivete Baraldi e Rosinéte Gaertner elaboram questões sobre os aspectos éticos envolvidos nas investigações que têm a História Oral como método; Emerson Rolkouski – também trabalhando com o método da História Oral – sintetiza algumas compreensões sobre como um professor de Matemática transforma-se no professor de Matemática que é, em interlocuções teóricas com áreas diversas como a Psicologia, a Sociologia e a Literatura. A Literatura – e mais especificamente a obra de Pedro Nava – serve de recurso à Maria Laura Magalhães Gomes, que defende (e

exemplifica) a legitimidade e potencialidade de diversificar as fontes para o estudo da História da Educação Matemática. Complementam esse conjunto de artigos duas resenhas de produções cuja natureza é também “historiográfica”. A primeira dessas resenhas, elaborada por Marco Aurélio Kistemann Jr, apresenta o livro *Avaliação em Matemática – História e Perspectivas Atuais*, organizado por Wagner Rodrigues Valente, recentemente publicado. A segunda resenha, de Fernando Guedes Cury, discute dois trabalhos acadêmicos (um mestrado defendido na UNESP de Rio Claro e um doutorado apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP) também recentemente defendidos e aprovados. Ambos têm as escolas técnicas como tema. A dissertação de Maria Ednéia Martins-Salandim trata das escolas técnicas agrícolas do Estado de São Paulo e as práticas de formação de seus professores, enquanto a tese de Antonio Henrique Pinto reconstitui um histórico da Escola Técnica de Vitória (ES).

Complementam essa edição do BOLEMA o texto de Clélia Maria Nogueira e Regina Maria Pavanello – um estudo sobre a abstração reflexionante e a produção do conhecimento matemático –, dois artigos com tema voltado à Modelagem Matemática – um de autoria de Pedro Augusto Pereira Borges e Cátia Maria Nehring; o outro de Maria Isaura de Albuquerque Chaves e Adilson Oliveira do Espírito Santo – e, finalmente, o texto de Armando Aroca Araújo, pesquisador colombiano, que analisa uma das figuras tradicionalmente tecidas pelos indígenas Iku, também conhecidos como Ahuacos.